

PROFISSIONALIDADE DOCENTE NA ENGENHARIA: TENSÕES E DESAFIOS NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS PROFESSOR X ALUNOS NA CONTEMPORANEIDADE

TEACHING PROFESSION IN ENGINEERING:
TENSIONS AND CHALLENGES IN INTERGENERATIONAL RELATIONSHIPS
TEACHER X STUDENTS IN CONTEMPORANEITY

DOI: 10.5935/2236-0158.20180012

Marcelo dos Santos Isidório,¹ Lorene dos Santos²

RESUMO

A docência universitária tem se tornado cada vez mais complexa, em função da dinâmica de transformações da sociedade e de novos papéis e demandas para a universidade na contemporaneidade. Nesse contexto, uma reconfiguração da profissionalidade docente tem sido debatida, considerando que se trata de uma profissão de interações humanas e caracterizada pela mobilização de múltiplos saberes. Este artigo apresenta e discute resultados de uma pesquisa realizada em um Programa de Pós-Graduação em Educação, em que se desenvolveu um estudo de caso no instituto politécnico de uma universidade privada de Belo Horizonte. Foram delineados alguns dos desafios da docência universitária na contemporaneidade, com enfoque para a relação professor *x* aluno, na perspectiva das relações intergeracionais no cotidiano da sala de aula. Utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa, tendo como instrumentos a observação, a aplicação de vinte questionários e entrevista com seis professores que atuam em diferentes cursos de engenharia. As análises apontam para uma tensão nessa relação, caracterizada pelo confronto dos perfis geracionais de professores e alunos inseridos numa cultura escolar tradicional e fortemente impactada por novas demandas e formas de relação com o conhecimento, sobretudo a partir da interação dos jovens com as tecnologias digitais de informação e comunicação, exigindo uma atitude de reconfiguração de sua profissionalidade docente.

Palavras-chave: Docência universitária; relações intergeracionais; docência em engenharia.

ABSTRACT

The university teaching has become increasingly complex due to the dynamic changes in society and new roles and demands to university nowadays. In this context, a reconfiguration of the teaching profession has been debated, considering that it is a profession of human interactions and characterized by the mobilization of multiple knowledge. This article presents and discusses results of a survey conducted in a Pos Graduate Program in Education, which developed a case study at the Polytechnic Institute of a private university in Belo Horizonte. They were outlined some of the challenges of university teaching in the contemporary world with a focus on the teacher *x* student relationship from the perspective of intergenerational relationships in the classroom everyday. We use a qualitative approach with instruments observation, application of twenty questionnaires and interviews with six teachers who work in different engineering courses. The analysis points to a tension in this relationship characterized by the clash of generational profiles of teachers and students entered in a traditional school culture and strongly impacted by new demands and forms of relationship with knowledge, especially from the interaction of young people with digital information technology and communication, requiring reconfiguration of attitude of his teaching profession.

Keywords: University teaching; intergenerational relationships; teaching engineering.

1 Doutorando em Educação – PUC Minas. Professor na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité; marceloisidorio@yahoo.com.br

2 Doutora em Educação – UFMG. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas; lorenedossantos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como ponto de partida um fato que nos pareceu representativo de alguns dos desafios e dilemas vivenciados atualmente no contexto universitário: o Instituto Politécnico (IP) de uma universidade privada de Belo Horizonte buscou ajuda junto ao Núcleo de Assessoria Pedagógica do Departamento de Educação dessa mesma instituição, na tentativa de encontrar respostas para os constantes “desencontros” percebidos por esses docentes no cotidiano de interações com seus alunos em sala de aula. Esse “movimento de abertura” em um segmento tradicionalmente pouco receptivo a tais discussões do campo pedagógico nos levou a indagar sobre quais situações e dilemas estariam impactando o cotidiano desses professores e se, conseqüentemente, o contexto atual poderia ser caracterizado como um momento de emergência de uma reconfiguração da profissionalidade e da identidade docente.

Dentre as ações desse Núcleo de Assessoria Pedagógica junto ao IP, observamos um encontro de formação de professores cuja temática foi “Sala de aula: encontros e desencontros”. Os desafios da profissão docente na contemporaneidade foram retratados nesse encontro, através de algumas posições assumidas por professores ao indagarem questões de seu cotidiano de sala de aula, em falas como: “[...] as realidades hoje são muito complexas.”, referindo-se à multiplicidade de aspectos que se apresentam à universidade e que têm impactado o exercício da profissão docente. Outras falas apontaram para tensões na relação professor x aluno: “[...] é necessário discutir hoje que tipo de alunos nós temos”; “[...] compreender o aluno que está chegando”; e “[...] os alunos de hoje são imediatistas, vocês acreditam que ao acabar a aula um aluno fotografou, com seu celular, as questões no quadro?”. Alguns docentes apontaram, ainda, os descompassos entre essas novas demandas e os currículos do ensino superior, ao dizerem, por exemplo: “[...] a ementa, nas disciplinas tradicionais, é como uma camisa de força!”, o que supõe o desconforto desses professores com a estrutura curricular atual e demonstra que alguns deles têm a percepção de “tempos distintos” entre o que está posto nos

programas de cursos e a realidade vivenciada. Falas como: “[...] para a universidade esse aluno é apenas um número, ela tem que medir aonde ela quer chegar”, aparecem como indicativo de que, para alguns professores, a instituição continua imersa numa cultura escolar tradicional, permanecendo “alheia” à complexidade do movimento atual, restando aos docentes uma atuação solitária diante de tantos desafios.

Nossa análise contemplou temas como: a expansão considerável nas matrículas, ao lado da instituição de um “Estado Avaliador”; as novas demandas do mercado de trabalho por profissionais com capacidade de adaptação e flexibilidade; e o perfil geracional de alunos e professores inseridos no contexto da chamada “sociedade da informação e do conhecimento”, com seus respectivos desdobramentos na relação professor/aluno no cotidiano da sala de aula.³

Configurada nas relações sociais e de trabalho, a identidade assumida pelo professor do ensino superior permite compreender como a sua profissionalidade é constituída. Assim, o conceito de profissionalidade aponta para uma compreensão da docência entendida em sua complexidade e numa perspectiva relacional entre os sujeitos e os espaços sociais nos quais exercem suas atividades. Nesse contexto, refletir sobre as interações entre professores e alunos na perspectiva das relações intergeracionais se torna uma possibilidade relevante, ao se considerar que ambos os sujeitos são atuantes e participantes em seus espaços sociais, transformando-os.

Assim, no recorte aqui proposto, apresentamos e discutimos a necessidade de reconfiguração da profissionalidade e identidade docente, diante das tensões observadas nas relações intergeracionais entre professor e alunos nos tempos atuais.

3 O trabalho completo pode ser encontrado em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_IsidorioMS_1.pdf>. Acesso em 13 jul. 2016.

DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE: IDENTIDADE E PROFISSIONALIDADE EM DEBATE

O docente do ensino superior é, via de regra, selecionado pela especialidade do conteúdo que domina e legitimado pela titulação acadêmica que possui.⁴ Sendo assim, é razoável supor que os docentes do ensino superior, de uma forma geral, e especificamente aqueles oriundos do bacharelado, tenham tido um acesso limitado a discussões e estratégias construídas no campo didático-pedagógico e dos fundamentos da educação. Essa situação pode ser considerada como um dos elementos que desfavorecem o enfrentamento de desafios colocados ao exercício da docência na contemporaneidade.

A universidade tem adquirido importância estratégica diante da complexidade do tempo presente. Segundo Sant'ana e Behrens (2003), as mudanças em curso provocam, entre outras coisas, um profundo questionamento do sistema educacional, principalmente da prática pedagógica que vem sendo desenvolvida nos meios acadêmicos: “As transformações são contundentes e exigem uma reavaliação da docência na universidade” (SANT'ANA; BEHRENS, 2003, p. 27).

Nesse contexto, estar professor, hoje, extrapola uma concepção do passado, baseada na ideia de vocação, para se fundamentar em perspectivas de ordem política, social e epistemológica. Assim, para entender a docência no ensino superior e seu papel social, é necessário considerar as transformações pelas quais o cenário universitário está passando em relação às mudanças do mundo contemporâneo (ZABALZA, 2004).

Diversos estudos que se voltam para a temática da docência universitária e que buscam romper com a exclusividade do paradigma da racionalidade técnica reconhecem a docência como uma ação complexa, que requer saberes específicos, sendo necessário superar a visão de que “quem sabe, automaticamente, sabe

ensinar”, bem como a de que “só quem sabe investigar, pode realmente ensinar”. Para Ramos (2010), esses estudos vêm crescendo significativamente e suas análises estão contribuindo para romper com um silêncio que perdurou por muito tempo em relação a esse segmento, favorecendo, assim, um incipiente processo de “abertura da caixa preta”, que ainda é a sala de aula universitária.⁵

Na *Declaração Mundial sobre o Ensino Superior no Século XXI*, está explícita a exigência de centrar a atenção no estudante, apontando para a necessidade de inovações didáticas e pedagógicas que favoreçam a construção do conhecimento e ultrapassem uma visão do ensino como mera transmissão e da aprendizagem como apenas memorização, implicando responsabilidade docente nesse nível de ensino (UNESCO, 1999).

Nesse viés, a docência universitária, que atravessou séculos isenta de questionamentos sobre seus fundamentos, é convocada a dar atenção a questões de ordem didático-pedagógicas, em um momento em que as transformações em curso no cenário social indicam que a maneira tradicional de exercer a docência universitária já não consegue dar conta da própria forma como o conhecimento vem sendo construído, nem das relações que se estabelecem em sala de aula.

Ramos (2010) chama a atenção para a importância em se compreender que a reconceitualização da docência universitária exige, entre outros aspectos, um entendimento de que a mesma se encontra inserida num processo de redefinição identitária da própria universidade.

No caso dos cursos de engenharia, historicamente se observam alterações nos requisitos profissionais que incidem sobre seus professores, especialmente nas últimas décadas. Assim, ao final dos anos de 1970, a ênfase recaiu sobre o domínio do conteúdo; nos anos de 1980, emergiu a preocupação com o conhecimento da didática; e, nestes primeiros decênios do século

4 “A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.” (Art. 66 – LDBEN 9.394/1996).

5 Em relação às engenharias, podem ser encontrados vários trabalhos acadêmicos em nível de Mestrado, como o estudo de Dantas (1990), Buonicontro (2001) e Dantas (2011); e de Doutorado, como o de Tonini (2007). Esses trabalhos abordaram a docência na engenharia a partir de diferentes recortes temáticos e aportes teórico-conceituais, discutindo questões relativas ao paradigma ecológico-social, às representações dos professores sobre a docência ou, ainda, os impactos da resolução CNE/CES 11/2002 sobre a formação profissional do engenheiro.

XXI, observa-se um movimento de reconstrução do modelo de formação nas engenharias, demandando que reflitam sobre sua função social. Os docentes são alertados para a importância de formação de engenheiros conscientes de seu papel como seres humanos críticos e capazes de uma participação ativa na sociedade. Nessa perspectiva, o “educar” se torna algo que vem complexificando o papel dos engenheiros que atuam na docência (NITSCH; BAZZO; TOZZI, 2004).

É diante desse contexto que tem sido debatida a reconfiguração de sua identidade profissional e, conseqüentemente, de sua profissionalidade docente.

Identidade profissional e profissionalidade docente: aproximações teórico-conceituais

A possibilidade de os docentes atuarem com qualidade em relação às finalidades educativas que se apresentam atualmente se relaciona à sua competência profissional, identidade profissional e profissionalidade docente (MORGADO, 2011).

Dubar busca compreender a constituição da identidade como resultado da interação entre os sujeitos, cuja construção se dá numa dimensão social e pessoal:

A identidade é o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições (2005, p. 136).

Para esse autor, entender a construção da identidade social e, por extensão, da profissional, implica investigar duas dimensões: o contexto da situação de trabalho como elemento que interfere nas concepções do professor acerca da profissão e de sua formação e, também, como concebe a docência a partir de sua trajetória pessoal, de sua biografia.

O conceito de profissionalidade implica uma compreensão da docência em sua complexidade e numa perspectiva relacional entre os indivíduos e os espaços sociais nos quais exercem suas atividades profissionais. Assim, o termo “profissionalidade docente” é usado para designar o conjunto de requisitos profissionais que, se relacionando aos conhecimentos, habi-

lidades, atitudes e valores necessários ao exercício profissional, tornam alguém um professor (SACRISTÁN, 1995).

Para Tardif e Faucher (2010),⁶ citado por Morgado (2011), a profissionalidade é um processo que permite aos professores apropriarem-se das práticas, da cultura e dos valores da profissão, porque ela é construída de forma progressiva e contínua, baseia-se no desenvolvimento de competências e na identidade profissional e prolonga-se ao longo de toda a carreira.

O debate sobre a reconfiguração da profissionalidade docente vem ganhando espaço, entre outros fatores, em função de questionamentos quanto ao conhecimento universitário de característica disciplinar, em confronto com saberes mobilizados nesse exercício, a partir da afirmação da docência como uma profissão de interações humanas (TARDIF, 2002).

Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 218) definem o saber docente como “um saber plural, formado pelo amálgama mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional, dos saberes das disciplinas, dos currículos e da experiência”. Segundo esses autores, o profissional de ensino trabalha com uma pluralidade de saberes heterogêneos, parte dos quais é definida por outros agentes. Entre esses, estão os saberes disciplinares, oriundos dos diversos campos do conhecimento científico; os saberes curriculares, fundados nos primeiros e adequados aos diversos níveis do ensino por transposição didática; assim como os saberes pedagógicos, produzidos em função da formação docente e das práticas educacionais. Já os saberes da experiência são construídos na trajetória profissional cotidiana. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados e não provêm das instituições de formação ou dos currículos. São saberes práticos, que formam um conjunto a partir dos quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991).

Para Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004), o fato de os docentes universitários possuírem

6 TARDIF, J.; FAUCHER, C. Um conjunto de balizas para a avaliação da profissionalidade dos professores. In: ALVES, M.; MACHADO, E. (Org.). *O pólo de excelência: caminhos para a avaliação do desempenho docente*. Porto: Areal Editores, 2010. p. 32-53.

um bom domínio dos saberes disciplinares e serem portadores de saberes da experiência implica novos desafios, no sentido de superação de uma “profissionalidade restrita”, que lhes exige um duplo esforço de rompimento. O primeiro esforço diz respeito à valorização de outros saberes que não apenas o disciplinar, e o segundo ao reconhecimento de que esse saber adquire sentido em diálogo com a experiência.

Pensar em novos estilos de formação de professores implica ressignificar e construir novos sentidos [...] significa pensar na dimensão da pesquisa, da reflexão e da crítica como atitudes do professor como profissional, atitudes que contribuam para a construção de uma identidade profissional (RAMALHO; NUÑEZ; GAUTHIER, 2004, p. 91-92).

Estudos de Bazzo (2007) e Ramos (2011) apontam para a emergência da reconfiguração da profissionalidade docente universitária em função da complexidade e da dinâmica em que se tem processado a educação superior. Esses estudos têm apontado para a possibilidade de instauração de processos autônomos e coletivos, institucionalmente apoiados, de formação pedagógica, que visem a desenvolver a profissionalidade docente universitária como parte do esforço para promover os compromissos da universidade com seus estudantes e com a sociedade que a abriga.

Tudo isso nos leva a pensar que a profissionalidade docente não é algo que se impõe, mas que resulta de uma construção.

Em se tratando de docentes que atuam em cursos de bacharelado, como é o caso dos diferentes cursos de engenharia, a questão que se apresenta é: se consideramos que, primeiramente, esse docente tem como identidade principal a sua especialidade, que elementos podem levar a uma reconfiguração de sua profissionalidade para a docência, uma vez que atuar na educação exige uma gama de elementos outros com os quais ele não se identifica ou reconhece?

AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS CONTEMPORÂNEAS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA: DIALOGANDO COM OS SUJEITOS

Este estudo se caracterizou por uma abordagem metodológica qualitativa, com característica de estudo de caso. Como instrumentos de coleta de dados, além de observações realizadas pelo Núcleo de Assessoria Pedagógica junto aos docentes do IP, aplicamos vinte questionários e realizamos seis entrevistas com professores e coordenadores de diferentes cursos de engenharia daquele IP. No recorte apresentado neste artigo, selecionamos depoimentos dos professores que evidenciam suas percepções acerca de algumas das tensões e dilemas que permeiam as relações estabelecidas com os alunos na sala de aula.

No cenário atual, de acelerada transformação da sociedade frente ao avanço tecnológico, da globalização e do multiculturalismo, significativas implicações nas relações intergeracionais têm sido observadas (BORGES; MAGALHÃES, 2011). Assim, podemos supor que a intensidade dessas transformações esteja afetando incisivamente as relações intergeracionais entre professores e alunos no cotidiano da sala de aula.

O conceito de geração tem sido tema relevante nas ciências humanas e sociais desde o século XIX, tornando-se objeto de preocupação de importantes pensadores da época, tais como: Comte e Dilthey, que, embora partindo de abordagens teóricas distintas, lançaram as bases para reflexões posteriores sobre o tema, como as que foram desenvolvidas por Karl Mannheim, sociólogo húngaro que trouxe uma das principais contribuições para a compreensão do conceito de gerações.

Para esse autor, as gerações são dimensões analíticas importantes para a compreensão da dinâmica das mudanças sociais e de formas de pensar e de agir de uma época. As gerações apresentam características específicas que, pela ação dos tempos históricos e biográficos, podem produzir mudanças sociais (MANNHEIM, 1993). Assim, para Mannheim, o que constrói

uma geração não se relaciona somente com um tempo cronológico de nascimento. É a experiência social e não a simples coincidência cronológica que vai proporcionar a que pessoas pertencentes a uma geração experimentem de forma semelhante ou diferenciada os acontecimentos. É por isso que podemos acrescentar que fatores como pertencimento étnico-racial, de gênero e classe social, identidade religiosa e sistemas culturais, entre outros fatores, deverão ser levados em consideração na análise das gerações.

Embora essa ideia tenha sido desenvolvida no início do século XX, muitos estudos que abordam as relações intergeracionais ainda utilizam como referência a abordagem do conceito de geração sob uma perspectiva estritamente cronológica, como é o caso de algumas análises que classificam as gerações em “baby-boomers”, “X”, “Y”, “Z”,⁷ como se todos que nascessem naquele período determinado apresentassem as mesmas características de comportamento. Essa referência pode ser observada na fala de alguns entrevistados.

Primeiro, eu preciso esclarecer que o nosso aluno é sempre o jovem, e o jovem é sempre diferente em qualquer época do ano. Há pouco tempo nós tivemos uma reunião em que o reitor apresentou alguns textos de uma palestra que ele fez de pessoas reclamando da juventude. Depois ele foi falando de quando eram aqueles textos. Um era de não sei quantos anos A. C., o outro era da época já de Roma, o outro era da época da Idade Média. Então, assim, todos parecendo textos que tinham sido escritos por alguém contemporâneo nosso. Isso é um fato, a juventude é difícil porque ela é questionadora, ela é abusada. [...] e se não fosse assim a humanidade não se desenvolvia. [...] a juventude atual, se comparada à de dez anos atrás, é uma mudança significativa. É uma juventude que a gente precisa entender melhor, é uma juventude que ela prefere e consegue trabalhar fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Então, o cara assiste aula mexendo no celular, conversando com o colega do lado, você acha isso absurdo, mas

por incrível que pareça ele dá conta de fazer isso (E2, Engenheiro-professor).⁸

Claro, ele tem uma diferença, ele é o que a gente chama de Geração Z, não tem jeito de falar que não é. O impacto da cibernética e filosoficamente, isso até é colocado hoje, que a cibernética, ela entrou na efetivação do sujeito, na construção da identidade do indivíduo. Então, nós estamos com uma geração diferente. Agora, nós não podemos falar se isso é ruim ou se é bom, é diferente. Nós não temos uma geração hoje pior que a de ontem, e nem temos a de ontem melhor do que a de hoje. Não é isso, são gerações com processos diferentes (E5, Professora-engenheira).

Seguindo o pensamento de Mannheim, existiria uma distância insuperável entre as pessoas de diferentes gerações, porque os indivíduos, posicionados em suas respectivas gerações, estariam mais ou menos predestinados a verem o mundo de uma forma própria e distinta daqueles que pertencem a outras gerações. Nesse viés, Pais (2001) argumenta que, em contextos de transformação, as relações intergeracionais apresentam fluxos recíprocos de socialização que podem ser mais ou menos tensos, à medida que diferentes gerações tenham perspectivas, expectativas ou representações distintas de sociedade.

Essas observações nos permitem refletir sobre a forma multifacetada com que se estabelecem as relações sociais no cotidiano da sala de aula. Relações essas que, segundo Dayrell (2007), apontam mudanças significativas, principalmente na questão da autoridade, na qual os alunos não se mostram dispostos a reconhecer a autoridade do professor como natural e óbvia.

Se antes a autoridade do professor era legitimada pelo papel que ocupava, constituindo-se no principal ator nas visões clássicas de socialização, atualmente é o professor que precisa construir sua própria legitimidade entre os jovens (DAYRELL, 2007, p. 1.121).

Não é raro encontrarmos docentes reclamando da forma “irresponsável” com que

⁷ Sobre essa classificação, ver: *Generations: the history of America's future, 1584 to 2069*, de Strauss; Howe (1991).

⁸ A letra “E” seguida do número, foi usada para referenciar cada entrevistado. Na sequência, aparece a identidade assumida pelo entrevistado, dentre as opções apresentadas: “Professor”; “Engenheiro”; “Professor-engenheiro”; “Engenheiro-professor”.

os alunos atualmente estariam se comportando, apresentando um suposto “desinteresse” pela educação escolar. Nesse sentido, os professores se posicionaram sobre a seguinte assertiva que lhes foi proposta no questionário: **“A geração atual de alunos tem tornado o cotidiano da sala de aula extremamente complicado”**. Dezesete professores concordaram no todo ou em parte, evidenciando uma tensão intergeracional no cotidiano da sala de aula. Depoimentos dos entrevistados também trazem evidências dessa tensão:

Agora, uma coisa a gente constata: o nosso aluno de 10 anos atrás não é o mesmo aluno de hoje. O aluno de hoje não quer estudar, o aluno de hoje é imediatista, ele não estuda. Eu tenho, na turma da noite, uma meia dúzia só que está estudando, isso de uma turma de 46. Eles não querem estudar. Eles vão para lá, sentam, ficam conversando, fazem os exercícios, vem fazer a prova e não dão conta de fazer a prova. Eu não estou preocupada com esse aluno não, eu estou preocupada com os bons. Eles não estudam, eles querem o diploma. Tem uns mais ou menos, mas o resto fica no fundo da sala, fica fazendo outra coisa. Eu não quero me preocupar com eles não porque eu achei que não vale a pena. Porque você dá exercício, você corrige você manda, o seu esforço é sobre-humano e você não dá conta desse aluno, ele não quer. Você dá uma coisa e ele não quer, então eu deixo ele (E6, Professora-engenheira).

Para Dayrell (2007), as perturbações existentes na relação atual dos alunos com a escola “são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços” (DAYRELL, 2007, p. 1.106). Assim, atribuir os problemas e tensões emergentes em sala de aula como resultado exclusivo de um pretense “desinteresse” dos alunos pode redundar em uma análise reducionista que desconhece o contexto histórico, cultural e social em que a juventude se encontra imersa, nos dias atuais. Nesse viés, entender o conceito de geração é um ponto de partida.

Observamos também nas falas, a constatação de haver certo “desencontro” no cotidia-

no da sala de aula, ao se confrontarem o modelo tradicional de aula do professor e o comportamento de boa parte dos alunos.

[...] o discurso hoje aqui, de certa geração de professores, de certa idade, é que os alunos não querem estudar, não querem nada, só sabem copiar, é Ctrl C e Ctrl V, é o que mais a gente ouve. Eu discordo um pouco dessa posição porque nós, dessa minha geração, eu estou com 57 anos, 25 anos de IP em docência, nós estamos usando as mesmas ferramentas que nós tivemos quando eu fui aluno aos 16, 17, 18, 19, 20, 22 anos, então é impossível as mesmas ferramentas, que essa geração que esteja aí aceite. Aquela aula com “cuspe e giz”, lenta, não dá mais. Só Power Point, os slides, também não. Por exemplo, tem professor que se incomoda, começa a dar aula, os meninos lá no fundo da sala abrem o laptop deles. Tem professor que proíbe abrir o laptop em sala de aula. É a ferramenta deles, como o meu caderno era a minha ferramenta... [...] Então, eu entendendo a geração, não concordo com o que se fala sobre ela. Acho que o erro, se tiver um erro aí, eu assumo 50% desse erro, por não estar entendendo a geração, não estar sabendo usar as ferramentas da geração deles. Alguns professores têm medo da ferramenta, do laptop aqui. E mais, tem alunos que ensinam professores em sala de aula, tem professor que não aceita isso, principalmente na área de informática. O professor chega lá e liga o laptop dele e não sai a imagem no data show. O professor lá já nervoso, suando, passa o aluno e “professor, aperta o f4”. “Pá!”. O professor se incomoda com isso. Eu estou tentando dar algumas demonstrações que eu estou pensando nesse aspecto, nós estamos errando em não entender essa geração como os meus pais não entendiam a minha geração. Eu sou geração hippie, Beatles, Jovem Guarda, porque a gente não conversava, um não queria entender o outro, e analisando a outra geração com os fundamentos tais quais eu fui educado. Hoje você entra na sala de aula, o pessoal cruza a perna igual ioga na cadeira – para eles é normal, para mim não é normal – então fica um dilema, “eu chamo atenção ou não?”, e isso está gerando um caos em sala de aula. Então, eu discordo que a geração de hoje não quer nada. Não! Nós não

estamos é sabendo trabalhar eles, com as ferramentas da época deles e com a característica que eles estão tendo hoje em dia (E1, Engenheiro-professor).

Os relatos evidenciam a existência de vozes dissonantes. Enquanto alguns professores parecem manter-se em uma postura defensiva, outros fazem uma autocrítica, avaliam a universidade e responsabilizam os colegas pelas dificuldades em lidar com as novas gerações. Ou seja, muitos docentes assumem uma posição de culpabilização exclusiva do aluno, se eximindo de sua responsabilidade na relação. Parecem demonstrar certa nostalgia por um tempo em que o professor era considerado a figura central do saber, sendo difícil reconhecer que há certo “empoderamento” dos jovens, que têm acesso instantâneo a milhões de informações. Suas posturas e ações em sala de aula têm causado desconforto, incômodo e estranhamentos em muitos de seus professores, dificultando as relações intergeracionais.

Já outros depoimentos demonstram maior compreensão dos docentes de que a relação professor/aluno se apresenta bastante complexa na atualidade, reflexões sobre os “perfis de juventude” que adentram as salas de aula e as novas atitudes para com esses jovens.

[...] eu acho que se a gente for colocar a questão hoje em sala de aula do conflito que está tendo, ele sempre existiu, eu acho que cada geração tem os seus conflitos. Mas a minha geração foi muito o que a gente chama “vaquinha de presépio”, o professor falava e a gente ficava com a cabeça assim, abaixada. Hoje, não, o aluno vem com muita informação, talvez eles não estejam sabendo tratar essa quantidade de informação, mas vêm com informação. Às vezes assiste à sua aula, abre o laptop, abre uma aula de professor de outra universidade e está comparando sua aula, dá palpite e às vezes tem professor que se incomoda com isso. Ou seja, a gente não deveria incomodar, a gente deveria incentivar isso porque, para nós, é uma sinergia, ou seja; o próprio aluno me pontuar, me voltar com uma referência, e isso o professor no alto do pedestal dele não aceita, infelizmente. Eu não sou esse professor não. Te falo o seguinte, eu estou tentando entender o máximo possível para... Não é ser o professor legal não, não

é isso, é entender a geração e passar o recado que eu tenho, o recado técnico que eu quero passar. E tenho conseguido algumas vitórias, de retorno que eu recebo deles (E1, Engenheiro-professor).

Assim, ao deparamos, hoje em dia, com um perfil de jovem que, de um modo geral, realiza muitas tarefas ao mesmo tempo, domina com facilidade as inovações tecnológicas, tem à sua disposição milhões de informações em tempo real, não reconhece a autoridade “histórica” do docente na sala de aula e questiona a ausência de contextualização dos conteúdos, “é natural que estas diferenças provoquem a emergência de problemas, desencontros e desafios que obriguem um permanente reinventar da formação e do trabalho docente” (NETO; FRANCO, 2010, p. 12). Essa observação nos leva a indagar se a aceleração das transformações socioculturais promoveria um reposicionamento das pessoas de diferentes gerações na estrutura hierárquica social e familiar tradicional, estando os mais jovens servindo de modelo para os mais velhos, ou seja, estaria o fluxo de socialização se invertendo? O conflito estaria potencializado de tal forma que a docência não estaria disposta a contribuir para a sua atenuação? Mas, afinal, se o conflito sempre existiu, por que agora ele estaria maximizado?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar os impactos do contexto atual da educação superior na docência universitária, tomando como estudo os docentes do instituto politécnico de uma universidade privada de Minas Gerais. Nesse sentido, nos apoiamos em referenciais teóricos que discutem a profissionalidade docente e sua necessária reconfiguração diante das transformações da sociedade atual, destacando, em especial, desafios relativos ao cotidiano de sala de aula na perspectiva das relações intergeracionais entre professores e alunos.

As tensões ficam evidentes por meio de depoimentos de professores que denunciam (des)encontros das diferentes gerações na sala de aula, deixando claro que a estrutura tradicional de ensino se encontra fortemente abalada. Deixando de ser referência única ou central do

saber, a autoridade do professor passa por profundos questionamentos e por uma nova configuração.

Se a escola, assim como a família, detinha o monopólio nos processos clássicos de socialização dos jovens, hoje em dia, as transformações têm implicado novas formas de percepção, de si e dos outros, o que tem modificado os padrões de interação social. Com isso, uma reconfiguração da identidade profissional e, conseqüentemente, da profissionalidade docente torna-se urgente, demandando que os professores se mobilizem em busca de novos conhecimentos e novas estratégias de interação com as gerações de jovens que ingressam no ensino superior. E assim, algumas áreas tradicionalmente alheias ou pouco receptivas a discussões no campo didático-pedagógico iniciam movimentos de aproximação e de busca por uma compreensão mais aprofundada da realidade atual.

No campo do ensino de engenharia, já há algumas décadas, se verifica um movimento de produção teórica e partilha de experiências, destacando-se o surgimento, no início dos anos de 1970, da Associação Brasileira de Educação de Engenharia (ABENGE), e a realização do Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia (COBENGE), com mais de quarenta edições. Mesmo assim, se pode dizer que, nos institutos politécnicos de diversas instituições de ensino superior, as discussões e produções teóricas atinentes ao campo do ensino de engenharia ainda são incipientes, como evidenciou a pesquisa aqui apresentada. Em alguns desses espaços, o movimento de mudanças parece ser impulsionado pela base, a partir de conflitos e tensões intergeracionais vivenciados em sala de aula, deslocando os docentes de sua “zona de conforto” e obrigando-os a repensar suas práticas e a reconfigurar sua profissionalidade docente.

REFERÊNCIAS

- BAZZO, Vera Lúcia. **Constituição da profissionalidade docente na educação superior**: desafios e possibilidades. 2007. 269f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2007.
- BORGES, Carolina de Campos; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 171-177, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2011000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 14 jul. 2013.
- BUONICONTRO, Célia Mara Sales. **O processo de construção da prática pedagógica do engenheiro-professor**: um estudo no curso de engenharia mecatrônica da PUC Minas. 2001. 244f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2001.
- DANTAS, Cecília Maria Macedo. **O desenvolvimento da docência nas engenharias**: um estudo na Universidade Federal de Campina Grande. 2011. 106f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação, Natal, 2011.
- DANTAS, Solange Helena Gadelha. **Ensino de engenharia**: o paradigma ecológico-social e a formação do engenheiro-professor. 1990. 176f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 1990.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1.105-1.128, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em 2 set. 2013.
- DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, p. 145-168, [1928] 1993. Disponível em <http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_062_12.pdf>. Acesso em 13 out. 2013.
- MORGADO, José Carlos. Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/04.pdf>>. Acesso em 19 set. 2012.
- NETO, Elydio dos Santos; FRANCO, Edgar Silveira. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. **Revista de Educação do Cogeime**, v. 19, n. 36, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/36Artigo01.pdf>>. Acesso em 14 set. 2012.

NITSCH, Júlio C.; BAZZO, Walter. A.; TOZZI, Marcos J. **Engenheiro-professor ou professor-engenheiro: reflexões sobre a arte do ofício.** In: Anais XXXII Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia – COBENGE, Brasília, DF, 2004. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/15/artigos/10_227.pdf>. Acesso em 4 nov. 2012.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates.** Porto: Editora Ambar, 2001.

RAMALHO, B.; NUÑEZ, I.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino** – perspectiva e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RAMOS, Kátia Maria da Cruz. Questionando o saber refletindo sobre o fazer: inquietações de professores sobre a profissionalidade docente universitária. **Perspectiva.** Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 463-481, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2011v29n2p463>> Acesso em: 12 abr. 2012.

RAMOS, Kátia Maria da Cruz. **Reconfigurar a profissionalidade docente universitária: um olhar sobre as ações de atualização didático-pedagógica.** Porto: Universidade do Porto Editorial, 2010.

SACRISTÁN, José Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 63-92.

SANT'ANA, Edite Lopes; BEHRENS, Marilda Aparecida. Superação de paradigmas conservadores na sociedade do conhecimento. In: BEHRENS, M. (Org.) **Docência universitária na sociedade do conhecimento.** Curitiba: Champagnat, 2003.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação.** Porto Alegre, n. 4, p. 215-234, 1991.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TONINI, Adriana Maria. **Ensino de engenharia: atividades acadêmicas complementares na formação do engenheiro.** 2007. 230f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2007.

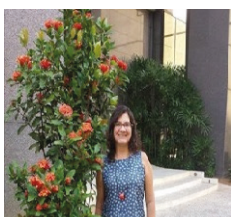
UNESCO. Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, 1998, Paris, França. **Tendências da educação superior para o século XXI.** Brasília: UNESCO, 1999.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

DADOS DOS AUTORES



Marcelo dos Santos Isidório – Graduado em Educação Física (UFV, 1992); mestre em Educação (PUC Minas, 2014); doutorando em Educação (PUC Minas, 2015-2018). Membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Profissão Docente (GEPPDOC) e do Núcleo de Pesquisa Social em Infância, Cultura e Sociedade, ambos da PUC Minas. Professor temporário na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Ibiturê. Áreas de interesse: relações intergeracionais professor x aluno; docência universitária.



Lorene dos Santos – Graduada em História (UFMG, 1987); mestre em Educação (UFMG, 1997); doutora em Educação (UFMG, 2010); professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas, na Linha de Pesquisa “Profissão Docente: constituição e memória”. Professora dos cursos de História e Pedagogia da PUC Minas; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Profissão Docente (GEPPDOC/DGP/CNPq). Áreas de atuação e pesquisa: formação e trabalho docente; história da profissão docente; Educação e diversidade; ensino de História.